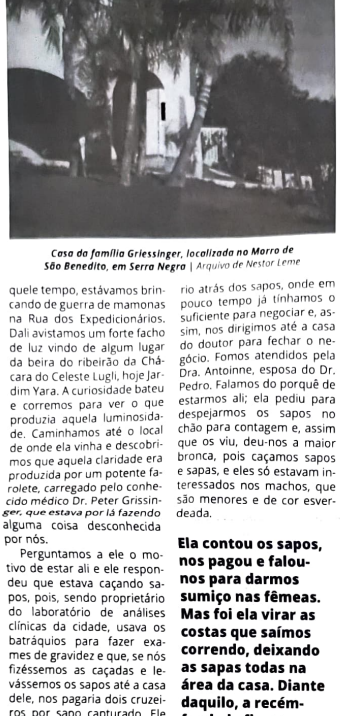
Casos & .Causos

Por Nestor Leme

Caçadores de Sapos & Cia. Ltda.

A Segunda Guerra Mundial tinha chegado ao fim. Eu não entendia o que estava acontecendo, mas percebia que as coisas não estavam boas, nem para nós nem para nossos vizinhos; todos ainda sentiam os efeitos da conflagração. A luta foi na Europa, mas parecia que ela estava acontecendo no fundo do nosso quintal, pois, naquele tempo, só tínhamos notícias da guerra nas conversas entre os vizinhos, e todos sabem que, quando é assim, o fato sempre vem aumentado. Aqui na Serra não havia luta, mas havia o medo de que ela pudesse chegar ao Brasil, pois nosso país fazia parte das Forças Aliadas, que combatiam o nazismo. Não tínhamos luta em nosso território, mas percebíamos que a guerra trazia dificuldades para nossos pais manterem a família, dificuldades que continuaram mesmo anos depois do conflito. Meu pai trabalhava na Farmácia Coração de Jesus, do Moises Mendes, que existiu na Rua Coronel; minha mãe tecia toalhas de tricô para vendê-las e ajudar nas despesas da casa; e meus irmãos mais velhos, Odilon e Eloiza, assim que conseguiram seus diplomas do curso primário no Lourenço, logo foram trabalhar.



Casa da família Griessinger, localizada no Morro de São Benedito, em Serra Negra | *Arquivo de Nestor Leme*

Ramon e eu ainda éramos menores, portanto não podíamos trabalhar. Assim, quando queríamos comprar doces ou picolés dos sorveteiros que todos os dias passavam por nossa rua, ou ir às matinês do cinema, tínhamos que nos virar para conseguir as verbas.

Ficávamos de olho, esperando que alguma carroça descarregasse lenha na porta de alguma casa, para ir ajudar a recolher a lenha e ganhar algumas moedas para os gastos. Num terreno da Praça do Mercado existia um ferro-velho onde compravam vidro, ferro, alumínio e ossos. Por isso, viviamos pelos terrenos baldios, à procura desses materiais para vender e conseguir dinheiro para nossas despesas.

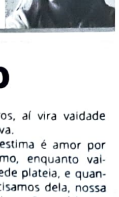
Numa noite de verão daquele tempo, estávamos brincando de guerra de mamonas na Rua dos Expedicionários. Dali avistamos um forte facho de luz vindo de algum lugar da beira do ribeirão da Chácara do Celeste Lugli, hoje Jardim Yara. A curiosidade bateu e corremos para ver o que produzia aquela luminosidade. Caminhamos até o local de onde ela vinha e descobrimos que aquela claridade era produzida por um potente farolete, carregado pelo conhecido médico Dr. Peter Grissinger, que estava por lá fazendo alguma coisa desconhecida por nós.

Perguntamos a ele o motivo de estar ali e ele respondeu que estava caçando sapos, pois, sendo proprietário do laboratório de análises clínicas da cidade, usava os batráquios para fazer exames de gravidez e que, se nós fizéssemos as caçadas e levássemos os sapos até a casa dele, nos pagaria dois cruzeiros por sapo capturado. Ele foi embora, e dois cruzeiros eram o preço de uma entrada do Cine República. Encontramos a fonte de renda para garantirmos o nosso sustento.

Assim, logo na noite seguinte, eu e amigos de infância, munidos de um farolete velho e de um saco de estopa, partimos para a beira do rio atrás dos sapos, onde em pouco tempo já tínhamos o suficiente para negociar e, assim, nos dirigimos até a casa do doutor para fechar o negócio. Fomos atendidos pela Dra. Antoinne, esposa do Dr. Pedro. Falamos do porquê de estarmos ali; ela pediu para despejarmos os sapos no chão para contagem e, assim que os viu, deu-nos a maior bronca, pois caçamos sapos e sapas, e eles só estavam interessados nos machos, que são menores e de cor esverdeada.

Ela contou os sapos, nos pagou e falou-nos para darmos sumiço nas fêmeas. Mas foi ela virar as costas que saímos correndo, deixando as sapas todas na área da casa. Diante daquilo, a recém-fundada firma Caçadores de Sapos & Cia Ltda deixou de existir, pois, com certeza, não seríamos mais recebidos pelos compradores, pelo que tínhamos acabado de fazer.

Crônicas do .Dia a Dia



Por Gulda Gerosa

Entre o espelho e o ego

Todos os dias pela manhã, ao menos uma olhadinha no espelho temos que dar. Alguns se demoram muito; outros nem se olham direito. A humanidade é assim, composta de pessoas mais vaidosas e, algumas, nem tanto. Mas, nem que seja um espelhinho 10x15 cm, todos têm para pentear o cabelo. O espelho, tal como é hoje, foi inventado só em 1835, mas desde muito tempo já existiam superfícies que refletiam imagens e que eram usadas para se auto admirar. Na Idade Média, por exemplo, outro tipo de espelho foi desenvolvido em Murano (Veneza). Este usava materiais muito caros.

Hoje, os espelhos não servem somente para a egoísta madrasta má da Branca de Neve, eles servem até para as curvas perigosas, para ver quem vem atrás nos automóveis, para os telescópios, na segurança de comércios, nos lasers e até na higiene pessoal: cortar a barba, tirar sobrancelha, olhar os dentes e gengivas e tantas outras coisas.

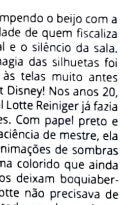
Apesar da utilidade, os espelhos viraram símbolos de vaidade, assim como as selfies dos celulares. Aí, fico me perguntando: o que é vaidade e o que é autoestima? Dependendo de como nos enxergamos, podemos ver o nosso valor, ou ficarmos preocupados com nossa aparência e imagem. A diferença está bem aí: se nos enxergamos bem, é nossa autoestima; mas quando nossa preocupação é com o que os outros veem ou pensam, então é vaidade. Todos dizem que um pouco de vaidade é bom e nos ajuda a cuidar e melhorar nossa aparência. Mas quando só esperamos aprovação constante, e precisamos cuidar da aparência exageradamente ou ficar nos comparando com os outros, aí vira vaidade obsessiva.

Autoestima é amor por si mesmo, enquanto vaidade pede plateia, e quando precisamos dela, nossa autoestima não está boa e demonstramos carência, ficamos chatos, desrespeitosos com os outros, não escutando ninguém e nem sendo empáticos. Sabe aquelas pessoas que nem te escutam, falam de si o tempo todo, e o nariz parece que quer beijar o céu? O ego cresce tanto e fica tão inflado que, quando passa no espelho, não se olha: se aplaude.

E você: será que se cuida porque gosta de si, ou por que quer que os outros gostem?

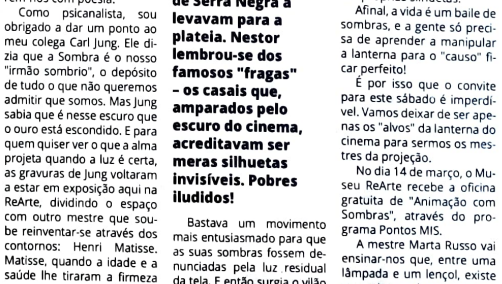
Entre o amor-próprio e a vaidade excessiva está uma linha fina: de um lado estão aqueles que se aceitam e se amam; e do outro estão aqueles que não cabem dentro de seu ego.

Cultura .e Vida



Por Henrique Vieira Filho

O baile das sombras


INSCRIÇÕES GRATUITAS
PONTOS MIS
Rua São Vicente de Paulo, 108 Serra Negra / SP
Aponte a câmera e inscreva-se
Vagas limitadas (20 participantes)

Baile das Sombras – Ilustração: Henrique Vieira Filho

Dizem que o ser humano tem um medo ancestral do escuro, mas a verdade é que nós adoramos uma penumbra. Seja para esconder as nossas imperfeições ou para projetar os nossos desejos, a sombra é, no fundo, o nosso melhor disfarce.

Platão, aquele grego sisudo, tentou convencer-nos de que a sombra era uma mentira de prisioneiros numa caverna. Mal sabia ele que, milênios depois, a "caverna" viraria cinema e a gente pagaria bilhete justamente para ver as sombras mentirem-nos com poesia.

Como psicanalista, sou obrigado a dar um ponto ao meu colega Carl Jung. Ele dizia que a Sombra é o nosso "irmão sombrio", o depósito de tudo o que não queremos admitir que somos. Mas Jung sabia que é nesse escuro que o ouro está escondido. E para quem quiser ver o que a alma projeta quando a luz é certa, as gravuras de Jung voltaram a estar em exposição aqui na ReArte, dividindo o espaço com outro mestre que soube reinventar-se através dos contornos: Henri Matisse. Matisse, quando a idade e a saúde lhe tiraram a firmeza para segurar o pincel, não se rendeu ao cinza. Ele trocou o óleo pela tesoura. Reanimou a sua arte "desenhando com tesouras", criando silhuetas vibrantes que provaram que, mesmo debilitado, o artista pode encontrar a sua essência no recorte de uma sombra. As gravuras de Matisse são um lembrete de que a vida, por vezes, exige que a gente corte o excesso para revelar a forma.

Mas, se Matisse e Jung levaram a sombra para a galeria, o meu amigo Nestor Leme, no nosso último encontro sobre a "Era de Ouro do Cinema", contou-nos como os apaixonados de Serra Negra a levavam para a plateia. Nestor lembrou-se dos famosos "fragas" – os casais que, amparados pelo escuro do cinema, acreditavam ser meras silhuetas invisíveis. Pobres iludidos!

Bastava um movimento mais entusiasmado para que as suas sombras fossem denunciadas pela luz residual da tela. E então surgia o vilão de todo o romance juvenil: o "lanterninha". Com um feixe de luz impiedoso, ele trazia as sombras de volta à realidade, interrompendo o beijo com a autoridade de quem fiscaliza a moral e o silêncio da sala. Essa magia das silhuetas foi levada às telas muito antes de Walt Disney! Nos anos 20, a genial Lotte Reiniger já fazia milagres. Com papel preto e uma paciência de mestre, ela criou animações de sombras e cinema colorido que ainda hoje nos deixam boquiabertos. Lotte não precisava de computadores; ela precisava de luz, tesoura e da mesma coragem de Peter Pan ao tentar "costurar" a sua sombra aos pés com a linha de Wendy. Se Peter Pan precisou costurar a sombra para não perder o seu "lastro" com o mundo, nós muitas vezes precisamos de uma luz nova para entender as nossas próprias silhuetas.

Afinal, a vida é um baile de sombras, e a gente só precisa de aprender a manipular a lanterna para o "causo" ficar perfeito!

É por isso que o convite para este sábado é imperdível. Vamos deixar de ser apenas os "alvos" da lanterna do cinema para sermos os mestres da projeção.

No dia 14 de março, o Museu ReArte recebe a oficina gratuita de "Animação com Sombras", através do programa Pontos MIS.

A mestre Marta Russo vai ensinar-nos que, entre uma lâmpada e um lençol, existe um universo de stop-motion à espera de ser criado.

Use o QRCode da ilustração para se inscrever!

104,5 fm
SERRA NEGRA
Músicas
Notícias
Entretenimento
Sorteios
E muito mais!
Programação 104,5 mHz
8h - 12h - Bom dia, 104! (Ibraim Gustavo)
12h - 13h - Rádio Notícias (Angelito Neto)
13h - 16h - Super Tarde (Pedro Giovani)
16h - 19h - Ranchinho da Saudade (Pedro Giovani)
19h - 20h - A Voz do Brasil
20h - 0h - Noite na Serra
www.radioserranegra.com.br

MENEGATTI
Serralheria Menegatti Ltda.
Box - Portas - Vitraux - Venezianas - Coberturas
Portas de Enrolar - Fech. de Área - Portões - Etc.
serralheriamenegatti@gmail.com
Fones.: (19) 3892-2147 3892-1291
Rua Santa Carolina, n.º 96 - B. das Palmeiras - CEP 13930-000 - Serra Negra - SP

Por Henrique Vieira Filho

O baile das sombras

Baile das Sombras – Ilustração: Henrique Vieira Filho

Dizem que o ser humano tem um medo ancestral do escuro, mas a verdade é que nós adoramos uma penumbra. Seja para esconder as nossas imperfeições ou para projetar os nossos desejos, a sombra é, no fundo, o nosso melhor disfarce.

Platão, aquele grego sisudo, tentou convencer-nos de que a sombra era uma mentira de prisioneiros numa caverna. Mal sabia ele que, milênios depois, a "caverna" viraria cinema e a gente pagaria bilhete justamente para ver as sombras mentirem-nos com poesia.

Como psicanalista, sou obrigado a dar um ponto ao meu colega Carl Jung. Ele dizia que a Sombra é o nosso "irmão sombrio", o depósito de tudo o que não queremos admitir que somos. Mas Jung sabia que é nesse escuro que o ouro está escondido. E para quem quiser ver o que a alma projeta quando a luz é certa, as gravuras de Jung voltaram a estar em exposição aqui na ReArte, dividindo o espaço com outro mestre que soube reinventar-se através dos contornos: Henri Matisse. Matisse, quando a idade e a saúde lhe tiraram a firmeza para segurar o pincel, não se rendeu ao cinza. Ele trocou o óleo pela tesoura. Reanimou a sua arte "desenhando com tesouras", criando silhuetas vibrantes que provaram que, mesmo debilitado, o artista pode encontrar a sua essência no recorte de uma sombra. As gravuras de Matisse são um lembrete de que a vida, por vezes, exige que a gente corte o excesso para revelar a forma.

Mas, se Matisse e Jung levaram a sombra para a galeria, o meu amigo Nestor Leme, no nosso último encontro sobre a "Era de Ouro do Cinema", contou-nos como os apaixonados de Serra Negra a levavam para a plateia. Nestor lembrou-se dos famosos "fragas" – os casais que, amparados pelo escuro do cinema, acreditavam ser meras silhuetas invisíveis. Pobres iludidos!

Bastava um movimento mais entusiasmado para que as suas sombras fossem denunciadas pela luz residual da tela. E então surgia o vilão de todo o romance juvenil: o "lanterninha". Com um feixe de luz impiedoso, ele trazia as sombras de volta à realidade, interrompendo o beijo com a autoridade de quem fiscaliza a moral e o silêncio da sala. Essa magia das silhuetas foi levada às telas muito antes de Walt Disney! Nos anos 20, a genial Lotte Reiniger já fazia milagres. Com papel preto e uma paciência de mestre, ela criou animações de sombras e cinema colorido que ainda hoje nos deixam boquiabertos. Lotte não precisava de computadores; ela precisava de luz, tesoura e da mesma coragem de Peter Pan ao tentar "costurar" a sua sombra aos pés com a linha de Wendy. Se Peter Pan precisou costurar a sombra para não perder o seu "lastro" com o mundo, nós muitas vezes precisamos de uma luz nova para entender as nossas próprias silhuetas.

Afinal, a vida é um baile de sombras, e a gente só precisa de aprender a manipular a lanterna para o "causo" ficar perfeito!

É por isso que o convite para este sábado é imperdível. Vamos deixar de ser apenas os "alvos" da lanterna do cinema para sermos os mestres da projeção.

No dia 14 de março, o Museu ReArte recebe a oficina gratuita de "Animação com Sombras", através do programa Pontos MIS.

A mestre Marta Russo vai ensinar-nos que, entre uma lâmpada e um lençol, existe um universo de stop-motion à espera de ser criado.

Use o QRCode da ilustração para se inscrever!